2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 1. QUINTA FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 1849. 9.º ANNO.

PROLOGO.

CHEGOU o dia do martyrio e do triumpho.

Começa hoje o nono volume da REVISTA.

É a occasião de virmos a juizo, e de sermos interrogados pelo publico, e pela nossa consciencia.

O publico, dir-nos-ha — que temos feito pouco; eis o martyrio: — a consciencia dirá — que o nosso desejo não podia ir mais longe; eis o triumpho.

Não queremos que a sentença se lavre sem nossa audiencia.

Ouçam-nos e depois julguem-nos.

É a fé e não a vaidade que nos aquece as phrases — é a esperança em vez da ambição que nos prolonga a vida.

Os que não creem arredem os olhos destas linhas — os que não esperam não vejam sequer este papel.

Accreditamos no talento e na virtude; esperamos, que só as suas obras podem regenerar o paiz.

Fóra destes dois pontos não conhecemos a salvação.

Felizmente para Portugal todos os outros meios de governar estão usados e perdidos.

Um grande partido se prepara para absorver e destruir todos os outros.

Este novo partido é a patria, o mais antigo e o mais esquecido de todos.

Vejamos o que exige dos seus adeptos e quaes são as suas intenções.

Exige o sacrificio da vaidade, e da ambição pessoal, exige o talento e o estudo, o zelo e a lealdade.

O resumo das suas intenções não é grande.

Quer:

Que a moral além de ser um dogma seja tambem um elemento constitutivo da sociedade.

Que o trabalho fertilize a terra, e que a terra pague o trabalho.

Que a instrucção publica se preste, como dever do estado, ao rico e ao pobre.

Que as estradas atem com os apertados laços do interesse e da affeição esses pontos dispersos, que nos confins da Hispanha se proclamaram nação Portugueza.

O primeiro apostolo destas doutrinas civilisadoras deve ser a imprensa periodica, porque a sociedade ao presente vive no jornal.

As suas columnas sustentam, sem vergar, o templo immenso e sempre crescente da civilisação do mundo.

A tribuna politica seria o tumulo dos mais arrojados esforços do pensamento, se o jornal não estivesse perto della, para receber nas suas paginas, frias mas eternas, a palavra que cheia de vida e de enthusiasmo ressoa pela mais subida abobada do edificio social.

O pulpito consumiria como um filtro, as torrentes de graça divina, que a Religião derrama sobre os fieis pela bocca dos seus mais eloquentes ministros, se a imprensa não viesse recolher esse elemento salvador no mais precioso de seus vazos.

Todas as classes da sociedade se servem do jornal para manifestarem as suas opiniões, defenderem os seus interesses, cultivarem a intelligencia e mostrarem o seu adiantamento na estrada infinita da civilisação universal.

Ha um só paiz na Europa onde estas verdades se não provam completas pelos factos — e este paiz é Portugal.

Temos jornaes, faltam-nos leitores.

É esta a triste verdade que sem replica póde correr o mundo. É esta a fatalidade que pesa sobre o futuro.

A intelligencia é uma habilitação para o desprezo — o estudo um motivo de censura — a probidade uma circumstancia de nenhuma valia.

Descei ao fundo da vossa consciencia e vereis que estas duras verdades são copias de que possuís os originaes.

E se alguem duvida, emprehenda cheio de fé um jornal — o mais util que fôr possivel, e quando tiver visto o que é mister azer para que o leiam, se não tiver ás faces ardentes de vergonha é porque nunca póde corar.

Não pensem que exaggeramos: se assim fallâmos é porque chegou o tempo em que a verdade deve saír de todos os labios tão pura como a luz.

Queremos que a verdade nos advogue, e por isso esta parte da defeza parecerá menos propria do logar e da occasião.

Precisamos deste desafogo para que nos não mate o pesar que devora a vida quando o trabalho se não recompensa — quando os mais justos dezejos se não satisfazem, quando é mister fugir para o mundo das illusões afim de se não juntar as mumias das nossas glorias passadas.

A REVISTA vê o paiz morrendo da fome do corpo e do espirito, a fingir que ainda vive grande vida no Pantheon da historia, para onde se refugia, quando lhe perguntam pelo que tem feito para bem da civilisação presente.

Os deveres que esta situação impõe devem ser cumpridos.

O plano da REVISTA pertende cumpri-los.

A universalidade dos conhecimentos, só póde ser abrangida por meio de vasta e talentosa collaboração. Neste ponto erguemos a voz com orgulho. Desde que temos a honra de redigir este jornal, a sua collaboração tem quasi duplicado de anno para anno. E no frontispicio do volume que findou, desde o nobre por linhagem até ao operario, que pela intelligencia se ennobrece no trabalho, são perto de cem os nomes, que servem de prova ao que dizemos.

Contâmos com o mesmo auxilio para o volume que hoje principia.

As columnas da REVISTA pertencem a quantos as quizerem empregar no bem da patria e na gloria das letras. Não as fechámos nunca para nenhuma idéa util e civilisadora.

O que temos feito em dous annos, eis o programma que offerecemos para o futuro.

Ao escrevermos pela terceira vez a primeira pagina de um volume da REVISTA, a mão ainda nos treme ao medirmos as forças do entendimento, mas o animo não tem remorsos que nos accusem, de que o nosso desejo não tem sempre sido o bem publico e credito das letras patrias.

Se o publico nos absolve na presença dos 96 n.os da REVISTA, que temos redigido, e que citamos como testimunhas das nossas intenções, daremos por findo o processo, que a nós mesmos instauramos, e fortalecidos pelo consenso da opinião esboçaremos quaes são ao presente os deveres que a REVISTA tem de cumprir para com o paiz.

Os interesses moraes e physicos da nossa terra são o ponto para onde convergem todas as intelligencias e vontades. Por mais desencadeado e violento que seja o odio politico, ao presente é impotente ante a santa verdade deste principio: e se o não põem como mascara no rosto irado e ameaçador, ficará clamando no deserto.

As parcialidades por si são zero — não ha conveniencia nem dogma que as galvanize; valem porque se acoutam ao lado da unidade social que se lê em quasi todas as almas.

São immensos os pontos que se referem aos interesses moraes e physicos de qualquer paiz; e o jornal que os estuda tem de ser universal. A prova não é difficil e acha-se contida nas divisões adoptadas para a REVISTA.

A primeira parte comprehende — Sciencias, Agricultura e Industria. —

Neste seculo de analyse, as idéas tem-se generalisado, e as sciencias são por tanto a expressão generica de todos os principios theoricos comprehendidos nos conhecimentos humanos.

O homem sobre a terra é um ponto da sciencia, e o mais grandioso de todas. As sciencias moraes, e politicas sahem-lhe da mente completamente armadas para a lucta, como a fabulosa Minerva.

Na base de todos os ramos da sciencia está a Religião.

¿Mas o que é em Portugal a Religião?

¿Onde está o clero, que pelos caminhos da fé, e saudado pelos povos civilisados da Europa, saiba dirigir a nação mais catholica do mundo?

Temos por milagre da Providencia, e não por esforço humano, conservado acesa no coração do paiz essa luz santa, que brilhou no Calvario para dominar o novo mundo regenerado pelo Christianismo. Mas a chamma purissima já vacilla por vezes, e os seus lampejos enfraquecem, deixando-nos antever as trevas do erro e da impiedade.

Não se desprezam impunemente os interesses moraes de um paiz, e os grandes crimes que o aterram são advertencias que se não devem perder.

Um crime atroz não disperta só a curiosidade, é mister que tambem seja meditado pelos que dirigem o governo da nação.

Se duvidam de que o estudo moral do paiz seja um ponto digno da attenção e dos trabalhos da imprensa, lembrem-se de que em grande parte das nossas provincias as questões e os odios vão concentrar-se na bocca de uma arma ou na ponta de um punhal; considerem que ao passo que o roubo não devasta o reino, o assassinato tinge com sangue varias classes da sociedade; pensem em que esses crimes de que o pensamento e a penna foge, porque ferem a alma, o pudor e a innocencia, vem com frequencia tornar secretos os

julgamentos publicos dos tribunaes; e finalmente vejam que em quanto no continente uma filha, com mãos sacrilegas, retalha o cadaver de sua mãe, em uma das ilhas uma mulher, que de mãe só tem o nome, accende placidamente a fogueira em que vae queimar sua innocente filha!

Eis aqui os interesses moraes donde deveremos passar para as sciencias que formam os elementos da instrucção publica, para os que prestam soccorro á acção do Governo. Depois a agricultura e a industria exigem que se lhes applique um aturado estudo.

A agricultura e a industria são hoje as taboas da nossa salvação economica, são as unicas fontes da prosperidade publica.

A REVISTA patentea a importancia que lhes dá, e prova o muito que hade tractar essas materias declarando que a sua maior ambição é ser um jornal agricula e industrial.

A segunda parte comprehende — Litteratura e Bellas-Artes: — ao pé do pão do corpo fica bem o pão do espirito. Ha no paiz talentos que se finam no desespero de uma situação que lhes não permitte o trabalho; a REVISTA, associando-os ao seu pensamento, tenta resolver um problema que só depende da civilisação do paiz. — Procedendo assim, tractando-os com amor de irmãos, cumprimos gostosos um dever.

Pertencemos á mesma geração de que fazem parte esses talentos — alguns estiveram ao nosso lado nos bancos das aulas, e todos viveram como nós essa vida de illusões e de crenças que nos convidava ao estudo, sem outro premio que não fosse a satisfação da propria consciencia.

A REVISTA, tendo a honra de ser o jornal escolhido pelos homens que ainda acreditam no futuro em Portugal, e que pertencem a outra geração, liga por este modo no interesse commum da patria os trabalhos dos filhos que a prezem, e que lhes queiram dedicar o estudo e o saber.

A terceira parte — Noticias e Commercio — é destinada para abranger os pontos que não se contém nas outras duas partes.

É gigantesco o plano comprehendido nestas bases; mas a collaboração illustrada da REVISTA o saberá desempenhar.

Tracta-se de proclamar o imperio do saber e da virtude: cada collaborador, no ponto que escolher, será um capitão esforçado, que póde colher loiros para si e para a patria. Nesta cruzada civilisadora só queremos o logar de soldado, onde á peleja fôr necessario corrermos, seja qual fôr o ponto da linha: podemos ahi aparecer porque só nos guia o ardor do coração e não a vaidade do talento.

Para os nossos collaboradores desejamos um triumpho completo e glorioso: para nós, no cabo da lucta, basta-nos a sepultura esquecida do soldado, e sobre ella as bençãos dos que fizerem justiça ás nossas intenções e ás nossas obras.

Lisboa, 10 de outubro de 1849.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA.

Do melhoramento dos terrenos e da drainagem.

(*) CAPITULO I.

Da necessidade de melhorar as terras.

1 A palavra melhoramento empregada para classificar este ramo de agricultura suppõe a existencia de uma molestia e de um doente. Neste caso, de que nos ocupamos, o doente é a terra, e a molestia é um estado de inercia ou de esterilidade proveniente de humidade demasiado grande, ou de falta de permeabilidade do terreno.

É inutil recordar aqui (diz o professor) o que se entende por sólo e sobsolo, e enumerar aqui as distincções que se tem feito entre as diverses naturezas de terreno, e as classificações numerosas, propostas pelos agronomos de todos os paizes, e de todos os tempos. Limito-me unicamente em deplorar, pelo que respeita aos progressos da sciencia agricola, que se não tenha ainda vindo a um accordo sobre um ponto tão importante. Entre todas as classificações, só escolherei a que convem mais ao objecto de que trato, e que é fundada na propriedade, que possuem todos os terrenos, de absorverem mais ou menos agua, ou em outros termos, sobre a permeabilidade das terras.

É permeavel um terreno quando a agua, que recebe da atmosphera, acha por entre elle uma passagem e um escoamento facil: é impermeavel quando apresenta um obstaculo á passagem, atravez de si, ao escoamento da agua: existe entre ellas uma infinidade de graduações ou de gráus intermedios. Por isso a classificação que acabo de fazer é completamente arbitraria, e apenas offerece utilidade para a pratica e particularmente para o fim, a que nos propomos neste curso.

Os terrenos muito permeaveis são: as arêas, as

(*) A classe de agricultura da Sociedade das artes de Genebra persuadida de que o melhor meio de fertilisar as terras em redor daquella cidade, era fazer desaparecer as causas da sua esterilidade, abriu em 1849 um concurso para os melhores trabalhos de melhoramentos executados, naquelle cantão, segundo os processos conhecidos em Inglaterra sob a denominação de drainagem: porém como este methodo não era bem conhecido dos lavradores, decidiu a sociedade dar um curso sobre este assumpto. Este curso foi feito nas casas daquella sociedade, e é o transumpto delles que hoje começamos a publicar, extrahido do *Journal d'Agriculture pratique et de Jardinage*, de Agosto deste anno.

terras saibrentas, e as conhecidas com o nome de terras quentes ou terras ligeiras, isto é aquellas que apenas offerecem pequeno obstaculo á agua e que se aquecem facilmente.

Os terrenos impermeaveis o são, ou por sua natureza, ou por sua posição: — os primeiros são as argilas, os nos quaes a alumina predomina, que se recusam á passagem da agua, ou que a expellem difficilmente, quando se impregnam dellas. Estas terras são chamadas *fortes* por causa do trabalho, que dão no seu amanho, ou então *frias* por causa da difficuldade que teem em absorverem o calor.

Ha muitas terras, que sem serem impermeaveis por sua natureza, o são pela sua posição, como as que não tem inclinação alguma, as terras cuja exposição é má, e finalmente aquellas, que assentam sobre um sobsolo impermeavel á agua.

A natureza do sobsolo e a inclinação geral do terreno são pois circumstancias que influem consideravelmente sobre a permeabilidade do sólo, isto, é sobre a disposição da agua em achar evasão.

(Continuar-se-ha).

NOVO PRÉLO.

2 Entre as numerosas e bellas machinas, appresentadas na exposição industrial de París, examinámos attentamente uma nova prensa, mui digna de consideração. É obra de um engenheiro mechanico, dos mais intelligentes de París, M. Giroudot, filho, destinado a prestar os maiores serviços á impressão dos jornaes. Mediante um mechanismo tão simples como engenhoso, M. Giroudot realisou um progresso immenso: a sua machina póde tirar 8,000 exemplares por hora. Para explicar esta inaudita rapidez, cumpre dizer que para o trabalho da machina requer-se o papel *continuo* (isto é o que se fabrica em grandes rolos como para desenhos topographicos etc.) e que depois de impresso pelos dois lados vai sendo cortado por um ferro com movimento rotatorio á medida do formato do jornal ou obra.

Convém accrescentar que esta prensa occupa ainda menos logar do que os prelos ordinarios.

(Extrahido do *Temps* de 10 de Julho.)

TELEGRAPHIA ELECTRICA APPLICADA AO SERVIÇO DOS PARTICULARES.

3 M. Breguet, constructor dos apparelhos da administração telegraphica de França, e M. V. de Seré, director do telegrapho da estação do Norte, em uma memoria apresentada ao governo procuraram demonstrar que o telegrapho pode facilitar os meios —

1.° De estabelecer um correio electrico, complemento do correio ordinario, para supprir as vantagens que este ultimo não proporciona:

2.° De crear uma publicidade electrica, que deve dotar a França de periodicos que imprimam á mesma hora todas as noticias do dia, assim em París como nas provincias.

3.° De expedir pelo telegrapho electrico os negocios de administração interior, que hoje se expedem pelo correio ordinario, e chegar por este modo a uma centralisação aperfeiçoada, que realise os beneficios de uma verdadeira centralisação sem ter nenhum dos seus inconvenientes.

4.° De fornecer novos mananciaes de rendimentos para o thesouro publico.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Proverbio.

PESSOAS.

D. LUIZ DE MENEZES.
A MARQUEZA DE ALICANTE, D. SOFIA, sua irmã; viuva.
SIR WILLIAM TREMAIN.
ROZA, aia de D. Sofia.

A Scena passa-se em Lisboa, no palacio da Marqueza.

I

Uma sala.

SCENA I

D. LUIZ DE MENEZES e a MARQUEZA.
Sentados.

MARQUEZA, *rindo.*

4 Ha de ser perfeita a cura; uma cura radical.

D. LUIZ.

Pois ha esperança?

MARQUEZA.

De certo. Eu cada vez tenho mais.

D. LUIZ.

Então que symptomas apresenta o doente? Que tem elle feito para te inspirar essa confiança, Sofia?

MARQUEZA.

Nada.

D. LUIZ.

E é por isso que me dizes que William se ha de curar radicalmente?

MARQUEZA.

Por isso, e por outras rasões. O teu William Tremain ha de voltar com coração, com um coração peninsular, para Inglaterra. — Mas de vé-

ras, meu irmão, elle nunca sentiu o coração... nada, mesmo nada?

D. LUIZ.

Parece-me..., supponho que não.

MARQUEZA.

Estás em duvida; não me pódes fazer a historia completa da doença do teu amigo? Pois sem isso, sem eu saber tudo não o posso salvar.

D. LUIZ.

A historia da sua doença é simples. Nunca teve enthusiasmo, nunca sentiu paixão por coisa alguma. — William passa a vida n'um estado de prostração de abatimento moral, que me assusta. Dêsde que tenho relações de intima amizade com elle, ha já seis annos, nunca lhe conheci uma simpathia viva que o tirasse um instante do seu lethargo moral; falla das artes mas não as admira, procura os mais bellos espectaculos da natureza, mas vê-os com indifferença, lê os poetas, mas não fixa nelles a attenção, viaja de cidade em cidade, vae aos bailes, aos theatros, sem nunca poder vencer o aborrecimento que o gella...

MARQUEZA.

É um homem sem coração.

D. LUIZ.

É isso mesmo; William é um homem sem coração. — Tenho consultado a respeito do meu amigo os medicos mais celebres da Europa; uns teem-me dicto que elle está atacado de *spleen*, outros de *nostalgia*, alguns teem attribuido a sua melancolia a algum segredo tenebroso; mas eu que o conheço, que lhe tenho estudado os pensamentos e observado as acções, é que descobri a verdade. O coração de William ainda não se lhe agitou no peito; é um coração que ainda não existe, e a que é preciso dar vida.

MARQUEZA.

E será possivel, dar-lhe vida?

D. LUIZ.

Não me disseste ha pouco que tinhas esperança de o salvar?

MARQUEZA.

Disse. — Mas á vista do quadro medonho que acabas de fazer, não sei se deva tomar essa minha esperança por uma illusão vã, por uma chimera impossivel.

D. LUIZ.

Talvez não. — William é sensivel, para assim dizer, exteriormente; não é um misantropo intratavel: ama os seus amigos com a cabeça, póde ser que um dia, sem elle o saber, comece a amar tambem com o coração.

MARQUEZA, *meditando.*

Isso que tu pensas do teu William, meu irmão, é impossível. — Já o vi tres... quatro vezes; e pareceu-me — nem eu mesma sei dizer porque — pareceu-me vêr n'elle a victima de uma grande paixão; o coração daquelle homem já sentiu, já viveu muito. Viveu de mais talvez e por isso se gastou assim. — Não lhe ouviste nunca fallar dos seus primeiros annos? talvez nessa epoca esteja o segredo daquella existencia excentrica.

D. LUIZ.

Quando nos conhecemos eramos ambos muito novos; havia um anno apenas, como sabes, que eu tinha saido do collegio. Foi em Paris que nos encontrámos pela primeira vez; William ia principiar as suas viagens pela Europa. Nunca tinha visto senão as montanhas da Escocia, onde era o castello de seu pae, e Londres, onde se tinha demorado poucos dias; mas apesar disso, Paris não lhe causou admiração, não o tirou da sua taciturna indifferença. — Andou comigo de theatro em theatro, de baile em baile, de aventura em aventura, mas em todo esse tempo nunca o vi rir, nunca o vi alegre, nunca me fallou da sua vida passada. — Não; uma vez, fallando do castello de seu pae, me disse que uma prima sua, que tinha sido creada com elle, havia morrido, pouco tempo antes delle começar as suas viagens...

MARQUEZA.

E essa prima era bonita?

LUIZ.

Não me disse mais nada. Fiz-lhe essa mesma pergunta, e elle, sem me responder, despediu-se de mim e deixou-me só no meio do Boulevard.

MARQUEZA, *com sobresalto.*

Amou-a!

D. LUIZ.

Que tens?

MARQUEZA, *sorrindo contrafeita.*

Nada; não foi nada. É que se esse amor existiu, se a tristeza de William é causada pelas saudades; então *(com um suspiro)* o mal é incuravel, não tem remedio.

D. LUIZ.

E essa idéa causou-te muita pena, Sofia?

MARQUEZA.

William padece; é o teu maior amigo, meu irmão.

D. LUIZ.

Começo a arrepender-me do que te pedi. Tenho medo de ter. . . de ter compromettido o teu coração, querendo dar vida ao de Tremain.

MARQUEZA, *rindo.*

Ai; não. Se é contagiosa a doença, o que póde succeder é eu ficar como elle, ficar tambem sem coração.

D. LUIZ, *rindo.*

E não era isso uma grande fatalidade? Uma senhora tão bella, sem coração! e sêr eu quem lh'o fizesse perder; morreria de remorsos se tal acontecesse. E se não morresse de remorsos, matavam-me de certo as pessoas que tem a honra de te conhecer, minha irmã.

MARQUEZA.

É uma fraze soberba, uma magnifica lisonja. — Mas agora tracta-se de continuar a minha obra de caridade; ainda não perdi de todo a esperança.

D. LUIZ.

Não te esqueçam as nossas condições. — Tremain parte por estes quinze dias para Inglaterra. Receio muito que elle faça alguma loucura, que se suicide, se voltar para as nevoas de Londres sem levar a imaginação exaltada e o coração animado por um amor meridional. — Mas é elle só que carece de uma paixão, ou ao menos de um sentimento, de um sonho poetico para viver. . .

MARQUEZA, *com tristeza.*

Eu. . . fico em Portugal, entre flores, á luz viva deste sol Peninsular. — *(suspirando)* O amor aqui não dá vida, quando é verdadeiro, mata. — *(pausa)* É preciso Luiz, que me apresentes esta noite o teu amigo *(olhando para o relojo.)* São nove horas e dez minutos; são horas; váe, váe-mo buscar já.

D. LUIZ.

Que quer fazer, Marqueza? — É indispensavel para a sua, para a nossa honra, que elle a não conheça, que não saiba quem é.

MARQUEZA.

Tens razão; elle não deve saber que sou tua irmã. — Mas apresenta-mo: quero fallar-lhe para vêr se lhe adivinho os segredos do coração: as mulheres teem para isso, sem vaidade, muito mais espirito do que os homens.

D. LUIZ.

Mas se William te viu já, póde vir a saber. . .

MARQUEZA.

Nada, não póde vir a saber nada; porque ainda me não viu senão tres vezes, com a cara coberta, e alguns instantes apenas.

D. LUIZ, *á parte.*

Creio que me cegou a amizade; que. . . — Agora não tem remedio. — *(Alto.)* Adeus Sofia Pouco tempo me demorarei. William espera-me. — *(Rindo)* Faz-me rir esta nossa empreza. Adeus.

SCENA II.

MARQUEZA, *só.*

(Com alegria.) Vou vel-o, fallar-lhe, passar aqui alguns instantes com elle. . . — Ai, que estou. . . não estou, é impossivel que esteja namorada. Namorada de um homem que não tem coração. . ., que pensa n'outra talvez; que em voltando para Inglaterra se não torna a lembrar de mim! Não, não estou namorada, não penso nelle. . . isto é pensar no amigo de meu irmão, não é pensar nelle. — Os actores apaixonam-se muitas vezes pelo papel que representam; eu tambem estou apaixonada pelo papel que meu irmão me deu n'este desgraçado romance. . . — Que singular situação a minha! — Parece-me, tenho esperança de ser amada. . . Mas não é a mim que elle ama; é a um sonho, a uma illusão que eu criei por minhas mãos. . . a mim não me conhece elle. — *(Puchando o cordão da campainha.)* Vou saber se vem; se respondeu ao bilhete que lhe escrevi; se pensa ainda nos meus tres ramos de violetas.

SCENA III

MARQUEZA, E ROZA.

MARQUEZA, *defronte do espelho.*

Já voltou, Roza?

ROZA.

Não, minha senhora, João ainda não voltou.

MARQUEZA.

Disseste-lhe que entregasse a minha carta em mão propria; que não respondesse a pergunta nenhuma, nem dissesse nada a meu respeito?

ROZA.

Repeti-lhe as ordens de V. Ex.ª: recommendei-lhe o maior segredo.

MARQUEZA.

Como achas tu este vestido, Roza? Não é muito feio?

ROZA.

Eu acho esse vestido bonito.

MARQUEZA.

Estou descontente com este penteado: fica-me mal, está já desarranjado aqui deste lado.

ROZA.

Perdoe-me, V. Ex.ª: mas o cabello, está tal qual como quando a Sr. Marqueza se acabou de pentear.

MARQUEZA.

Nada disto está bom: tu hoje vestiste-me horrorosamente; estou de meter medo. — Vás perdendo a habilidade que tinhas, Roza: daqui a dois dias vejo-me na necessidade de me arranjar, de me vestir só. Não me serves de nada.

ROZA.

Se V. Ex.ª quer, vou buscar os pentes...

MARQUEZA. *(Pausa — senta-se.)*

Já vás. — Dize-me cá, Roza, tu estás certa de que elle apanhou o ramo de violetas?

ROZA.

Aquelle Sr. inglez, que passava por debaixo da janella do pavilhão quando a Sr. Marqueza...

MARQUEZA.

Sim, o Sr. inglez... pois quem havia de sêr?

ROZA.

Apanhou-o, sim minha Sr.ª; e pareceu-me...

MARQUEZA.

O que, o que te pareceu, Roza?

ROZA.

Pareceu-me que o beijava, e que...

MARQUEZA.

Está bom, Roza, está bom: vae-me buscar os pentes... — Não, espera. — Quero pôr outro vestido, este decedidamente faz-me um corpo pessimo.

(Sáem.)

SCENA IV.

D. LUIZ, E SIR WILLIAM TREMAIN. *(Um criado acompanha-os á porta e sáe.)*

D. LUIZ.

A Marqueza de Alicante é uma Sr.ª encantadora, amavel...

SIR WILLIAM. *(Sempre com ar distraido.)*

Porque me não appresentaste ha mais tempo á Marqueza?

D. LUIZ.

Quiz que conhecesses primeiro as senhoras elegantes de Lisboa. Esperava que alguma te quebrasse o encantamento, te captivasse o coração...

SIR WILLIAM.

Sinto que a tua esperança se não realisasse, porque dezejo em tudo dar-te gosto; mas...

D. LUIZ.

Nenhuma te agradou?

SIR WILLIAM.

Pelo contrario, agradaram-me todas, são todas encantadoras na sociedade. Mas parecem-se de mais com as senhoras da moda de todos os outros paizes que tenho percorrido; não tem caracter proprio que as destingua, falta-lhe o *chique* peninsula que n'outro tempo excitava a admiração dos meus compatriotas. — Mas dize-me; esperas qne a Marqueza me captive, como tu dizes?

D. LUIZ.

Não. — A Marqueza, vive aqui, ou na sua quinta de Cintra, quasi só. Desde que inviuvou raras vezes váe á sociedade; e por isso foi só depois de me eu desenganar que tu estavas decidido a continuar em Portugal a viver a tua vida de misanthropo, que me resolvi a appresentar-te á Marqueza.

SIR WILLIAM.

A minha vida em Portugal, não tem sido tão monotona, como pensas. Estou mettido n'um romance fantastico, vaporoso, como uma fantazia do norte; apaixonado, ardente como um drama de Calderon. Tenho uma *Dama Branca*, ou talvez uma marqueza d'Amegui, como a de Alfredo de Musset.

D. LUIZ.

Conta-me o teu curioso romance; se não é um mysterio.

SIR WILLIAM.

É mysterio o romance: um mysterio para mim, que ainda o não pude decifrar. — Vou-te contar tudo em poucas palavras. Ha oito dias, quando eu estava em Cintra, vi ao anoutecer, por entre os penedos da serra, quasi encoberta por um véu de nevoa, uma graciosa figura de mulher vestida de branco; parecia a imagem ligeira d'Ariel. A hora, o lugar, uma fonte que corria limpida da rocha, a alvura dos vestidos, tudo me trouxe á lembrança as aparições com que a tradição tem povoado as serras da Escossia. Corri para aquella visão encantadora, mas desappareceu, como por encanto, esvaeceu-se nos vapores brancos do nevoeiro.

D. LUIZ.

Foi uma verdadeira alucinação.

SIR WILLIAM.

Não foi. No logar em que a minha fada me tinha aparecido, encontrei um ramo de violetas.

D. LUIZ.

Não a procuraste, não lhe seguiste os passos?

SIR WILLIAM.

Procurei-a, chamei-a, invoquei a divina aparição, com as proprias palavras com que Glendinning invocava a sua Dama Branca; mas tudo foi baldado. Guardei o ramo sobre o coração e fiquei mais de uma hora a contemplar a paizagem, e a pensar nella.

D. LUIZ, *rindo.*

Nunca pensei que fosse tão facil vencer a endiferença, a dolorosa melancolia, que por tanto tempo te atormentou.

SIR WILLIAM.

Aquella inesperada aparição recordou-me a Escossia, a minha felicidade perdida e... coisas que me enfeitiçaram os primeiros annos da mocidade.

D. LUIZ.

Não tornaste a vêr a tua fada?

SIR WILLIAM.

No baile de mascaras do Marquez de Atouguia, um dominó branco parou um instante ao meu lado, e estendendo para mim a mão branca de neve, pequena graciosa como a de uma estatua de Canova, offereceu-me um ramo de violetas; depois o elegante dominó desappareceu, atravessando rapidamente por entre os pares de uma contradança.

D. LUIZ.

E' um romance.

SIR WILLIAM.

Ao romance augmentou-se ha tres dias mais um capitulo.

D. LUIZ.

Foi Cintra o logar onde se passou o novo episodio?

SIR WILLIAM

Foi. — Era noite; eu passeava só, a escutar o murmurio das aguas, e o sussurro do vento; a pensar em mil fantasias, por entre as quaes apparecia luminosa a minha fada da serra, quando ouvi os sons de um piano, e pouco depois a voz de uma mulher que cantava. Aproximei-me da casa donde saiam aquellas harmonias, e ouvi cantar admiravelmente uma linda canção de Zorrilla. Escutei até ao fim a canção, embevecido nos encantos da melodia a que dava uma expressão melancolica a voz pura daquella mulher. Seguiu-se á canção um momento de silencio; depois levantou-se a ponta de uma cortina branca, e um ramo de violetas veio cair-me aos pés.

D. LUIZ.

E' uma scena de amor inteiramente oriental...

SIR WILLIAM.

Hoje recebi uma carta...

(Um criado abre a porta da esquerda).

D. LUIZ.

Ahi vem a marqueza.

SCENA V.

OS MESMOS, A MARQUEZA *graciosamente vestida.*

D. LUIZ.

(Indo ao encontro da Marqueza). Sr.ª Marqueza...

MARQUEZA.

Sr. D. Luiz.

D. LUIZ.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª Sir William Tremain, um amigo meu... *(William sauda profundamente).*

MARQUEZA.

Basta-lhe esse titulo para que eu deseje tambem contar a Sir William no numero das pessoas da minha amisade.

SIR WILLIAM.

Se eu podesse alcançar essa ventura, seria eternamente grato a D. Luiz.

MARQUEZA.

(Saudando ligeiramente e sentando-se n'uma causeuse). E' uma verdadeira felicidade para quem vive n'esta triste aldêa de Lisboa, e assim tão só como eu vivo, achar alguem que possa tirar a conversação do circulo estreito, em que ella está aqui eternamente fixada.

D. LUIZ.

Sir William é um *tourista* incançavel, que tem corrido em menos de um anno todas as cidades da Europa.

MARQUEZA.

E' uma paixão que eu não posso comprehender. Viajar assim com tão grande velocidade, é vêr as coisas, mas não é estudal-as nem comprehendel-as.

SIR WILLIAM.

V. Ex.ª tem razão. Na minha viagem vi passar as cidades, os monumentos, os homens por diante de mim como n'um turbilhão; as imagens

confundiram-se-me na memoria, os sentimentos misturaram-se e perderam-se na indifferença...

MARQUEZA.

E póde haver prazer nesse cahos?

SIR WILLIAM.

E' o prazer do americano que corre pelo deserto n'um cavallo ligeiro, vendo os objectos fugir-lhe debaixo dos pés. O movimento é uma distracção, que nos faz esquecer do tempo, que se não move.

MARQUEZA.

Já gozou alguma vez, Sr. D. Luiz, deste singular prazer de que falla Sir William?

D. LUIZ.

Não, minha senhora. Nas minhas viagens, preferi sempre vêr bem a vêr depressa. Nunca deixava uma cidade sem lhe conhecer os monumentos, as bellezas, e sobre tudo a physiologia.

MARQUEZA.

E' assim que eu intendo tambem as viagens. — Viajar não é mudar de logar, é variar de sensações. Como viajante prefiro Yorik a Child-Harold. A *Viagem Sentimental* é mais bella do que o poema de Byron.

SIR WILLIAM.

Para fazer viagens sentimentaes, é necessario ter o espirito tranquillo e meditador de Sterne, é preciso ter o sentimento da poesia pura, singella, que poucos homens possuem.

MARQUEZA.

Não; eu creio que esse sentimento é muito menos raro do que pensa. Muitos o possuem; mas as paixões obscurecem-no, apagam-no facilmente.

SIR WILLIAM.

Talvez.

MARQUEZA.

Já não desejo saber nada das suas viagens, Sir William. Se, antes da sua partida para Inglaterra, quizer passar algumas horas de tristeza nesta minha solidão, perguntar-lhe-hei mil cousas a respeito da Escossia; mas não lhe hei-de fallar nunca da sua viagem fantastica.

SIR WILLIAM.

A Escossia é o mais bello, o mais poetico paiz do mundo. Não é o amor da patria que me cega. Tanta poesia como tem a Escossia não a encontrei eu n'outro paiz.

MARQUEZA.

E' porque não teve tempo para a procurar. — Todos os povos tem tradicções, a natureza é formosa em toda a parte; mas o que não ha sempre é um Walter Scott, que descubra as minas da poesia popular; que diga, que pinte a natureza e a vida intima do povo; que conte poeticamente as tradicções gloriosas da historia, e as anecdotas singelas da familia.

D. LUIZ.

As saudades fazem com que a Escossia pareça de longe a Sir William ainda mais poetica, do que é na realidade.

SIR WILLIAM

(Commovido). Não sinto, não tenho saudades da Escossia...

MARQUEZA.

Da Escossia talvez não, mas dos seus amigos...

SIR WILLIAM.

Amigos... não os tenho já naquelle paiz.

MARQUEZA.

(Depois de um momento de silencio). Sem o querer fui talvez acordar no coração de Sir William lembranças que ahi deviam ficar adormecidas. — Continuemos a fallar da Escossia e de Walter Scott; dos seus romances...

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

ZILLA.

Romance.

I.

5

Vinha rompendo a alvorada,
De linda manhã d'abril,
O sol vivido e gentil,
Sobre a campina esmaltada,
A luz brilhante esparzia;
Vivo aroma rescendiam,
As florinhas orvalhadas,
Na relva fresca e macia.

Como o lyrio rociado
Dos puros prantos d'aurora,
Que sorrindo a manhã chora
No seu seio recatado;
Assim Zilla, flor do Oriente,
N'um leve manto involvida,
Caminhava mansamente
Em seu pensar embebida.

O niveo seio lhe arfava,
Entre as roupas delicadas,
Transparentes e nevadas,
Que a viração agitava.
Como a plumagem singella
Da innocente pombinha
Esvoaçando entre moitas,
Ao acaso, meiga e bella.

De uma fonte cristalina
A donzella se acercou.
E logo que alli chegou
Bebeu d'agua pura e fina,
Depois, d'entre o niveo seio
Tirou um ramo florido
Murmurando estas palavras,
Cortadas de um vago anceio.

II.

Bebi da agua encantada
Na fonte,
Cortei o ramo florido
No monte.

A jura que fiz cumpri,
Prometti de vir e ví.

Cavalleiro corta agora
No monte o ramo encantado,
Dos orvalhos rociado
Das auras frescas d'aurora.

E na fonte crystalina
Bebe d'agua pura e fina.

Que a jura que eu fiz cumpri
Prometti de vir e ví.

III.

Apparecer n'alta assomada
Um cavallo a galopar,
A não mais poder galgar,
Transpor n'um ai a quebrada
E junto á fonte chegar;
Foi tam breve, que a donzella
Não se poude aperceber,
Se era ou não o cavalleiro
Que parára junto d'ella.

Turbada, o vermelho rosto
No fino véu encobriu,
Mas assim que a voz sentiu,
Tremendo de amor e gosto,
Nos braços d'elle cahiu,
E no olhar innocente
A alma pura transparzia,
Revellando livremente,
Quanto amor lá dentro havia.

IV.

Oh! que ventura, que encanto
Aquelles peitos sentiam,
Quando assim juntos vertiam
Do prazer o doce pranto:
Que de coisas se diziam,
Que de affectos se trocavam,
Que ardentes juras juravam
No olhar que confundiam.

Não ha palavras na terra
Para poder expressar
Este vago delirar,
Este enleio que a alma encerra;
Diz-se no languido olhar,
No convulso arfar do peito,
Porque a voz não tem effeito
Com que o possa revellar.

R. A. DE BULHÃO PATO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

2 a 7 de Outubro.

DIARIO N.º 234.

6 Portaria ordenando que as luvas de cazimira pagassem de direitos de entrada 80 réis por arratel.

Aviso de que os navios portuguezes na Russia indo carregados com producções portuguezas serão considerados naquelle imperio como naturaes delle.

DITO N.º 235.

Decreto regulando o modo como hão-de ser fiscalisados e destribuidos os dinheiros dos cofres de varios estabelecimentos nacionaes.

Tabella regulando a despeza do ministerio dos estrangeiros.

MILAGRE DE UM BANHO.

(Carta.)

7 *Sr. Redactor.* — Uma mulher do concelho de Penacova, de edade de 40 e tantos annos, achando-se entrevada ha 4 para 5 annos, só com grandes sacrificios e apoiando-se em outras pessoas dava alguns passos. Veio á praia da Figueira tomar banhos do mar, e só com o primeiro que tomou no dia 22 de setembro ultimo, teve tal melhora, que se poz logo a caminhar com tal firmeza e regularidade, como que se tamanho incommodo não tivesse existido!

Foi aqui grande a admiração, e não podia deixar de ser na presença de cura tão rapida.

De V. etc.

Figueira da Foz 1.º de Setembro de 1849.

ANTONIO DUARTE FERREIRA.

LUZ ELECTRICA.

8 N'um dos ultimos dias de agosto ultimo admirava-se em París, por cima da porta do Hypodromo uma lanterna similhante ás do gaz. Neste candieiro brilhava com um resplendor extraordinario um facho de luz electrica.

Toda a praça de *l'Etoile* estava allumiada com uma luz azulada e tão bella como a do sol.

Era a primeira experiencia que se fazia em París para applicar esta luz á illuminação publica. O bom resultado ffo completo.

MORTALIDADE EM PARÍS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1847.

9 Dos mappas da mortalidade dos seis primeiros mezes de 1849, dirigidos á academia de medicina pelo prefeito de París e o ministro do interior, resulta que, naquelle espaço de tempo, morreram em París 33:274 pessoas, das quaes 15:677 da cholera. Neste numero de mortos da cholera, 9:019 morreram em seus domicilios. Nestes 15:677, 7:740 foram do sexo masculino, e 7:937 do feminino.

NAUFRAGIO.

10 *Sr. Redactor.* — Durante a noite do dia 27 para 28 de Setembro proximo passado, veio quebrar-se n'uns perigosos rochedos desta Peninsula um navio que havia dias se avistava, nestes mares, voltado de quilha para cima. Estava carregado de pranchas de madeira de Flandres, mas o tempestuoso mar e tempo que fasiam, o inacessivel sitio do naufragio, não dando lugar a que se emprehendesse o salvamento por conta de quem pertencesse, persuadiram a alfandega a tomar o bem adquado expediente de arrematar o que se podesse salvar a risco e perigo do arrematante: nos objectos até hoje salvados, que se limitam a algumas duzias de pranchas de Flandres, não se poude ainda distinguir a nacionalidade do navio: ha quem julgue que é sueco.

De V. etc.

Peniche 2 de Outubro de 1849.

JOÃO PEREIRA.

CONTRABANDO DE ASSUCAR.

11 Escrevem-nos do Porto, queixando-se de que novamente entra no commercio grande porção de assucar da Havana, vindo por contrabando pela raia de Hispanha. Este facto que temos por muito verdadeiro prejudica além dos interesses dos negociantes deste genero a navegação, que se sustenta em similhante trafico. Não é a primeira vez que o abuso existe, mas findou com o emprego de providencias que se adoptaram por essa occasião. Confiamos em que o Sr. Ministro da fazenda considerará este negocio com a attenção que merece.

VISITAS PAROCHIAES.

12 S. Eminencia, o Cardeal Patriarcha tem feito visitas a algumas freguezias da sua diocese, segundo nos informam. Louvamos esta resolução, que de certo ha-de concorrer para se remediarem as muitas ommissões que se notam na administração parochial desta cidade.

THEATROS.

13 Deu-se em S. Carlos uma representação extraordinaria, que foi numerosa e brilhantemente concorrida. Folgamos sempre que temos de registrar um acto de beneficencia.

O drama Adelaide foi applaudido do primeiro ao ultimo acto.

Não houve scena que o publico deixasse de apreciar no seu devido valor.

A Sr.ª Emilia das Neves, cujo talento é já inutil encarecer obteve as honras de tam brilhante noite.

Quando vemos esta celebre actriz á luz do palco, lembra-nos aquelles grandes celebridades da arte, que lá fóra, nessas melhores terras, são honradas e conceituadas a par das maiores illustrações. Lá o talento é degrau para a gloria e para a fortuna — aqui é preciso retrahil-o, escondel-o, não o revellar a ninguem, sob pena de ser mordido pela inveja, e difamado pela medioeridade.

A Sr.ª Emilia das Neves e a Sr.ª Soler são as duas unicas artistas do theatro portuguez. Ambas tem atravessado os mais calamitosos tempos da scena patria; ambas tem aprendido na desgraça a terrivel verdade que acima manifestamos: contamos para outra vez avaliar, segundo entendemos, o valor distincto destas illustres artistas.

A Sr.ª Bussola concorreu com um passo de sua invenção para o benefico fim da noite.

A Sr.ª Moreno, recebida como sempre com enthusiasmo pela platéa, merece igualmente, que a imprensa a não esqueça, apar de todos os mais artistas, a quem o publico soube apreciar devidamente.

P.

---

14 *Praça de Lisboa* 10 *de Outubro*. — Poucas transacções se tem realisado sobre papeis de credito. — Fundos publicos de 5 por cento 50. — Acções do Banco de Portugal 400$000 rs. — Desconto de Notas, compra 1$040 rs., venda 1$000 rs.

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO, 30 DE SETEMBRO.

Deposito dos generos.

Generos.	Moios.	Preços.
Trigo	8915	400 a 560
Cevada	2134	220 a 240
Milho	673	300 a 320
Centeio	306	260 a 320

— Na praça de Londres, foram, em 26 de Setembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		Fechados.		
Consolidados	3 p. %	92$\frac{5}{8}$	$\frac{3}{4}$	Por 100.
Redusidos	3 "	Fechados.		
Fundos	3$\frac{1}{4}$ "	Fechados.		
Exchequer bills de Março		35	38	Premio.
" " de Julho		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4$\frac{1}{2}$ "	86	89	Por 100.
Brasileiros	5 "	85	87	"
Dinamarquezes	3 "	—		
Hispanhoes	5 "	17	$\frac{1}{4}$	"
Ditos	3$\frac{1}{2}$ "	34$\frac{1}{4}$	$\frac{5}{8}$	"
Hollandezes	4 "	84$\frac{3}{4}$	85$\frac{1}{4}$	"
Ditos	2$\frac{1}{2}$ "	54	$\frac{1}{2}$	"
Mexicanos	5 "	27	$\frac{1}{2}$	"
Portuguezes	4 "	29	30$\frac{1}{4}$	"
Ditos consolid. 1841.	—	28	29	"
Russos	5 "	106	108	"

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa	53$\frac{1}{8}$	$\frac{1}{4}$	Por 1$000 rs.
Porto	53$\frac{5}{8}$	$\frac{3}{4}$	"
Rio de Janeiro	25$\frac{1}{2}$	26	"
Paris	25 70	75	"

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Assignatura.

Doze numeros .... $600 réis.
Vinte e quatro ditos .... 1$200 »
Quarenta e oito ditos .... 2$400 »

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

— Artigos recebidos que serão publicados:

Memorias da infancia, poesia pelo Sr. João de Lemos.

Estatistica da Instrucção Publica em o conselho de Alpedrinha pelo Sr. R. de Gusmão.

O Suicidio, poesia pelo Sr. Palmeirim.

A Donzella no Barco e o Desengano, poesia pelo Sr. Aires Pinto de Sousa.

Nunca mais, carta e poesia pelo Sr. José Maria de Casal Ribeiro.

— Em o numero passado se disse por equivoco que neste numero se começavam a publicar — Um anno na corte — As memorias de um doido — Revista litteraria e Recordações do Porto: — estas obras serão publicadas neste volume, mas não era possivel começarem todas no mesmo numero.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

No escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82, está á venda a 800 réis o alqueire, a semente deste prado artificial, colhida já em Portugal no corrente anno.

É o melhor prado artificial conhecido, para os terrenos maus e ruins, em os quaes se dá bem, e os melhora consideravelmente, a ponto de virem a produzir 10 e 12 sementes de trigo, quando delle semeado, destruido o dito prado.

Rozier — Diccionario de Agricultura — diz merecer uma estatua quem introduz a sua cultura em qualquer districto.